

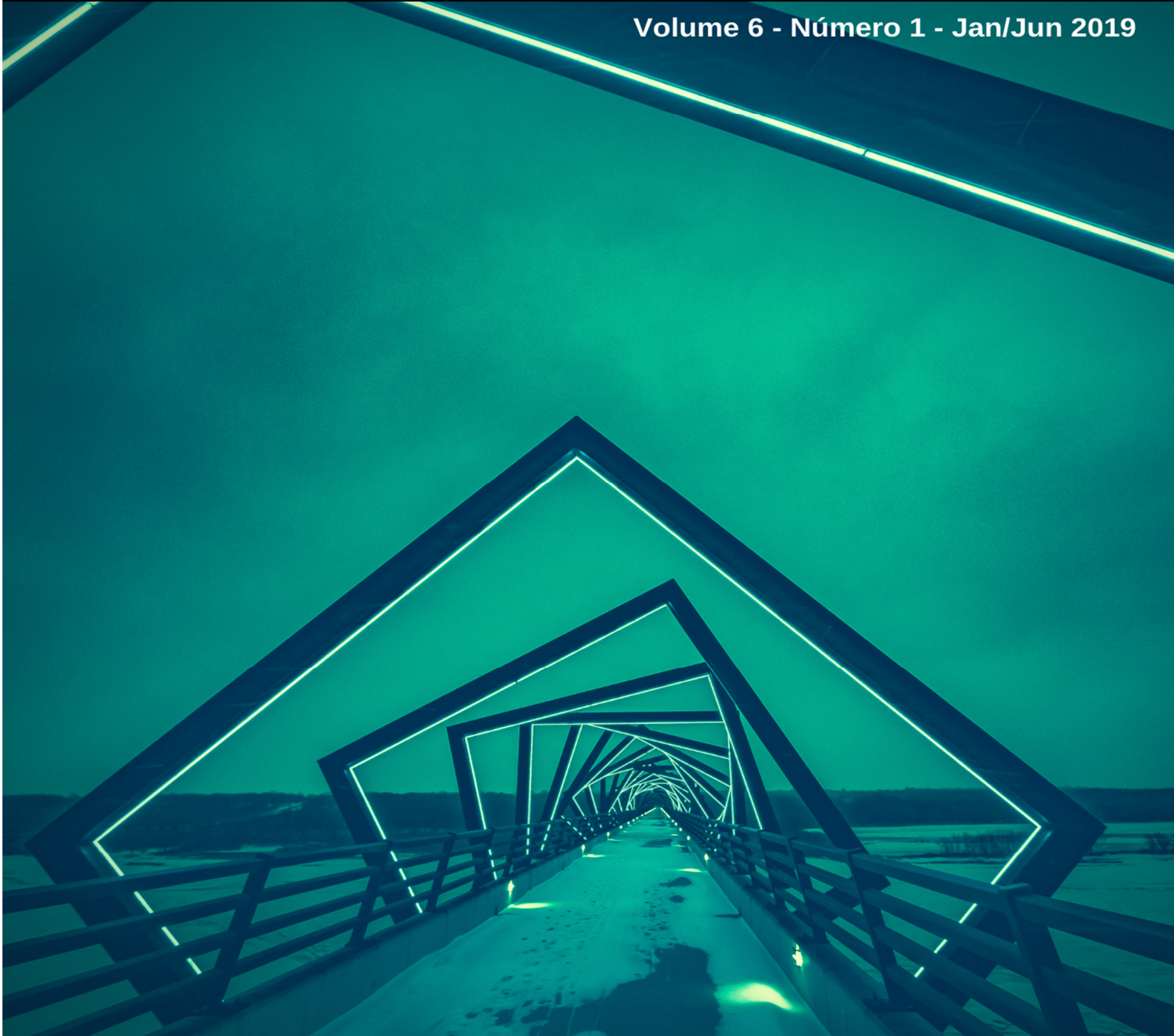
ISSN 2357-8203

Revista

Colineares

Programa de Pós-Graduação em Ciências da Linguagem

Volume 6 - Número 1 - Jan/Jun 2019



UERN

ANÁLISE DO DISCURSO FRANCESA: ALGUNS CONCEITOS FUNDAMENTAIS

Iara Fernanda Marinho¹⁰

RESUMO: A Análise do Discurso de base francesa surgiu por volta dos anos 1960 e os estudos desta área foram e são necessários para a compreensão dos discursos que circulam na nossa sociedade. Neste artigo, trazemos alguns conceitos fundamentais desse campo de estudos, para tanto, utilizamos uma abordagem baseada nos pressupostos teóricos de autores como Foucault (2008, 2010), Orlandi (1999) e Gregolin (1995). O objetivo do artigo é deixar mais claro e de mais fácil acesso alguns conceitos que servem de base para a compreensão dessa teoria. Diante disso, trabalhamos aqui com conceitos essenciais, como Discurso, Formação Discursiva, Sujeito, Ideologia, Enunciado, Interdiscurso, Acontecimento e Arquivo. Percebemos então que os conceitos, em sua maioria, funcionam de forma interligada, sendo necessário o conhecimento de cada um deles para que seja possível discutir os demais, sendo apresentados separadamente apenas com a finalidade de uma melhor organização.

Palavras-chave: Análise do discurso. Conceitos. Introdução à Análise do Discurso.

ABSTRACT: French Discourse analysis started in the 1960's and the studies in this area were and are still necessary to the comprehension of the discourses in which we are surrounded. In this paper we bring some concepts that are essential in these studies, to do so we bring authors such as Foucault (2008, 2010), Orlandi (1999) and Gregolin (1995). The aim is to facilitate the comprehension of these concepts that are the base to the theory. Therefore, we work here with essential concepts, such as Discourse, Discursive Formation, Subject, Ideology, Statement, Interdiscourse, Event and Archive. With that, we realize that most of the concepts work in an interconnected way, so it's necessary to know each one of them to discuss the others, and to understand the theory, being presented separately just for organization purposes.

Keywords: Discourse analysis. Concepts. Introduction to Discourse analysis.

1 INTRODUÇÃO

A análise do discurso (AD) surgiu nos anos 60, na França, e como o nome deixa claro, o seu objeto de estudo é o discurso. Durante esse período, o cenário da política francesa estava em efervescência, as disciplinas teóricas, como o estruturalismo e o gerativismo, estavam desestabilizadas e como resultado desse período conturbado surge a Análise do Discurso Francesa, quando o filósofo Michel Pêcheux, influenciado pelos estudos de Althusser, pensa em uma teoria de análise do discurso. A AD promoveu uma quebra no que vinha sendo proposto naquela

¹⁰ Mestre (2019) pelo Programa de Pós-Graduação em Ciências da Linguagem (PPCL) da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN). Graduada em Letras - Língua Inglesa (2016) pela Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN). E-mail: iaramarinho@yahoo.com.br

época, tanto política como linguisticamente. O que se tinha até aquele momento eram os estudos estruturalistas e a gramática gerativa, que não levavam em conta a exterioridade do texto e nem o sujeito que enunciava. Esses estudos eram focados apenas na frase, naquilo que estava posto. (ORLANDI, 1999)

O interesse por uma compreensão que leva em consideração fatores extralinguísticos e não só aquilo que está posto, tem crescido nos últimos anos, conseqüentemente, a Análise do Discurso passa a ser também uma área de interesse, não só da Linguística, mas de outros campos que estudam o discurso, como a Comunicação, a mero modo de exemplificação. O fato é que os discursos passam a ser fonte de interesse por parte dos estudiosos, o que faz com que sua conceituação passe por dificuldades, sendo confundido muitas vezes com a oratória. No texto, a análise é voltada para o lexical e o sintático, estes não são o principal foco da AD, mas de outros estudos que têm na estrutura seu objeto de análise.

A análise do discurso, como seu próprio nome indica, não trata da língua, não trata da gramática, embora todas essas coisas lhe interessem. Ela trata do discurso. E a palavra discurso, etimologicamente, tem em si a ideia de curso, de percurso, de correr por, de movimento. O discurso é assim a palavra em movimento, prática de linguagem: como estudo do discurso observa-se o homem falando (ORLANDI, 1999, p. 15).

Inicialmente, o discurso político era a maior preocupação dos analistas, apesar de não ser seu único objeto. Outro fato que gerou certo tipo de 'obsessão discursiva' (COURTINE, 2006), foi a revolta estudantil que aconteceu em maio de 1968, a primeira a ser midiaticizada, o que acabou dando mais destaque e gerando mais interesse por parte dos analistas.

Precisamos entender que, em AD, o discurso é exterior ao texto, mas é neste que ele se materializa. É no texto que estão concentrados os aspectos linguísticos, já no discurso é onde acontece a construção de sentido entre os interlocutores, o que existe é uma relação entre a língua e sua exterioridade, onde o social e o histórico se fazem presentes. Sobre isso, Gregolin (1995, p. 20) afirma que

empreender a análise do discurso significa tentar entender e explicar como se constrói o sentido de um texto e como esse texto se articula com a história e a sociedade que o produziu. O discurso é um objeto, ao mesmo tempo, linguístico e histórico; entendê-lo requer a análise desses dois elementos simultaneamente.

Para o desenvolvimento da Análise do Discurso Francesa, foram e ainda são de suma importância também os subsídios de outras áreas, que servem de base para este campo de estudo, como o Marxismo, a Psicanálise e a já mencionada Linguística, alicerce este que ficou conhecido como 'a tríplice aliança' (PÉCHEUX, 1998). Essa interdisciplinaridade que dá origem à AD serviu também para que não só a linguagem fosse alvo de reflexões, mas abriu portas para a melhor compreensão da noção de discurso, que surge a partir daí. As referências fundadoras da análise do discurso, segundo Gregolin (2003), se dividem em três pilares, sendo o primeiro: Louis Althusser; o segundo: Michel Foucault; e o terceiro: Mikhail Bakhtin.

Resumidamente, podemos dizer que esse campo de estudo, a AD, busca entender como e em que condições um determinado texto foi produzido, por qual sujeito, com qual intenção e em qual contexto ele vai fazer sentido. É através do discurso que o sujeito se constrói e se reconstrói constantemente, tendo o seu entorno transformado pela linguagem e a linguagem se modificando por influência dos fatores externos, em um movimento circular em que o linguístico e o histórico são dependentes um do outro.

No tópico a seguir, trabalhamos com a explicação dos principais conceitos da Análise do Discurso, como Discurso, Formação Discursiva, Sujeito, Ideologia, Enunciado, Interdiscurso, Acontecimento e Arquivo.

2 CONCEITOS FUNDAMENTAIS

2.1 Discurso

Primeiramente, trabalharemos o conceito de discurso, já que este dá nome a este campo teórico. Como já foi mencionado anteriormente, o objeto de estudo da Análise do Discurso é o próprio discurso, que faz parte das formações discursivas, conceito que trabalhamos mais a frente. A este respeito, Maingueneau (1997, p. 14) diz que “os objetos que interessam à AD, conseqüentemente, correspondem, de forma bastante satisfatória, ao que se chama, com frequência, de *formações discursivas*” (grifo do autor). A colocação do autor se dá pois os discursos de interesse dessa área não são aleatórios, como uma conversa de bar, exemplo do próprio autor, pois esses têm uma carga ideológica.

A AD vai se debruçar em objetos que “manifestam, de forma mais ou menos oblíqua, as preocupações que atravessam esta ou aquela coletividade em uma conjuntura dada” (MAINGUENEAU, 1997, p. 17). Como já mencionamos, nesse tipo de pesquisa busca-se estudar o sentido da língua em determinadas situações, a linguagem em seu uso real. O fato é que não existe concepção ou teoria única, mas é comum que por discurso se tenha a compreensão de “um suporte abstrato que sustenta os vários TEXTOS (concretos) que circulam em uma sociedade” (GREGOLIN, 1995, p. 17). É no discurso que estão concentrados os aspectos extralinguísticos. Em outra definição para esse termo, Foucault aponta que

chamaremos de discurso um conjunto de enunciados, na medida em que se apoiem na mesma formação discursiva; (...) é constituído de um número limitado de enunciados para os quais podemos definir um conjunto de condições de existência. (FOUCAULT, 2008, p.132-133)

Portanto, o discurso, na visão de Foucault, não é apenas aquilo que está posto, não é a ordenação das palavras, não é o que se materializa no papel, mas é o que se constrói também pelo contexto histórico-social, pelos modos de pensar, ou resumindo, por fatores extralinguísticos. Nesse campo teórico, os fatores extralinguísticos são tão importantes para a construção do sentido, quanto os fatores linguísticos.

Para a AD, os discursos são construções que refletem a visão de mundo tanto daqueles que enunciam quanto da sociedade da qual esses sujeitos fazem parte.

Nesse sentido, pode-se dizer que os discursos são construções sociais. Podemos citar alguns exemplos comuns no dia a dia, como os discursos machistas, os discursos políticos de direita ou de esquerda, o discurso racista, entre outros, que revelam o modo de pensar daqueles sujeitos que, consciente ou inconscientemente, revelam através do seu discurso a sua posição sujeito.

É assim que Foucault (2008, p. 30) procura entender e encontrar explicações para o seguinte questionamento: “(...) como apareceu um determinado enunciado, e não outro em seu lugar?”. É através da análise do discurso emitido pelo sujeito que poderá se perceber quais as finalidades daquele sujeito e o que ele quis dizer em seu enunciado. O fato é que o dizer do indivíduo e o sentido que ele dá para as palavras, certamente estão ligados à Formação Discursiva da qual ele faz parte. Por isso, trataremos sobre esse conceito a seguir.

2.2 Formação Discursiva

Como já comentamos, as palavras podem adquirir sentidos diferentes dependendo de por quem elas tenham sido utilizadas, isto é, a formação discursiva (FD) que sujeito que enuncia faz parte se materializa em seu discurso. Para Foucault (2008, p. 43),

no caso em que se puder descrever, entre um certo número de enunciados, semelhante sistema de dispersão, e no caso em que entre os objetos, os tipos de enunciação, os conceitos, as escolhas temáticas, se puder definir uma regularidade (uma ordem, correlações, posições e funcionamentos, transformações), diremos, por convenção, que se trata de uma *formação discursiva*.

Isso acontece pelo motivo de que os discursos, ao se constituírem como parte de uma formação discursiva, deve ter algo em comum entre eles. Dito de outra forma, é necessário que exista certa semelhança, mesmo que para distanciar ou mostrar diferenças entre os objetos, seja preciso também considerar a heterogeneidade dos enunciados.

Para Orlandi (1999), é a formação discursiva que nos permite compreender o processo de produção de sentido. As FDs se relacionam com o sentido, pois é na formação discursiva de cada sujeito que as palavras vão ter significação. O lugar onde os sujeitos se encontram também vai definir o sentido dos enunciados. Como sabemos, o sentido de uma palavra vai além do seu significado, é preciso entender o contexto no qual ela se encontra e por qual sujeito (ideológico) foi utilizada.

Quando um sujeito enuncia algo, o fato dele estar inscrito em uma determinada formação discursiva e não em outra, faz com que aquilo que foi enunciado tenha um determinado sentido e não outro qualquer. Por essa razão, Foucault (2008, p. 132) afirma que “um enunciado pertence a uma formação discursiva, como uma frase pertence a um texto, e uma proposição a um conjunto dedutivo”. Aquele enunciado específico, proferido pelo sujeito, é atravessado pela ideologia. Portanto, o que determina os sentidos são as formações discursivas que “representam no discurso as formações ideológicas” (FOUCAULT, 2008, p. 132), podendo se afirmar que não existem discursos neutros. Esse ‘peso’ de sentido não está nas palavras, já que elas

não são preestabelecidas, e sim na forma como a ideologia se materializa nos discursos.

Uma FD se relaciona com outras FDs, por esse motivo, elas não são fechadas, como eram as máquinas discursivas durante a primeira fase da Análise do Discurso. Essa abertura fez com que a AD expandisse suas análises a partir da segunda fase.

2.3 Sujeito

Outro conceito fundamental para a AD é o de sujeito que, aqui, se diferencia do indivíduo, mas que por serem popularmente tidos como sinônimos, podem ser confundidos, por isso, a importância dessa diferenciação. Neste campo teórico,

o sujeito de linguagem é descentrado, pois é afetado pelo real da língua e também pelo real da história, não tendo o controle sobre o modo como elas o afetam. Isso redundava em dizer que o sujeito discursivo funciona pelo inconsciente e pela ideologia (ORLANDI, 1999, p. 20).

É por esse motivo que se diz que o sujeito não é dono do seu dizer, isso porque o dizer do sujeito é produzido ideologicamente. Em outras palavras, o sujeito é interpelado pela ideologia e esta mascara seu efeito sobre o sentido. Além disso, não se pode falar em UM sentido do discurso, mas sim nos sentidos, na heterogeneidade de sentidos que dialogam com os demais discursos que estão em circulação na coletividade.

Na visão da Análise do Discurso, o sujeito é inacabado, está sempre se reconstruindo e é também sujeito heterogêneo, isso porque o discurso está sendo atravessado por outras vozes é considerado um ser social, que se constrói nas interações sociais. Ele é um sujeito dividido, pois é ao mesmo tempo particularizado e coletivo. Quando nos referimos ao sujeito falante, estamos falando de um sujeito individualizado, que utiliza a língua de acordo com seu contexto sociocultural. Já ao falarmos sobre o sujeito falando, estamos considerando que esse sujeito é coletivo e que fala a partir de um conjunto de vozes sociais.

O conceito de sujeito e de formação discursiva tornam-se de extrema relevância em nossa pesquisa, pois, ao trabalhar com a análise do discurso, precisamos compreender quem é o sujeito que enuncia, de qual formação discursiva ele faz parte, quais condições de produção geraram tais discursos. Enfim, precisamos estudar qual o lugar desse sujeito, qual a sua ideologia e o que faz com que ele profira tais discursos.

2.4 Ideologia

Atualmente, ao falar sobre ideologia, é comum que se atribua um sentido negativo ao termo. Isto porque, ao longo dos anos, o modo de se entender essa expressão passou por várias transformações, sendo em algumas épocas, utilizada de modo pejorativo. Mas foi com os estudos de Marx que a ideologia passou a ser objeto de estudo e reflexão.

Antes de trazer a visão de Foucault (1978) e como a Análise do Discurso faz uso desse termo, falaremos brevemente sobre como ele é tratado na visão Marxista.

Para essa vertente de estudos, a ideologia está relacionada às classes sociais, fazendo com que os sujeitos se submetam a situações de exploração, sem perceberem seu protagonismo.

Foucault (1978) então se coloca contra essa visão Marxista sobre a ideologia, pois, para ele a ideologia não se define como algo que vai contra o poder, até porque ele não enxerga o poder como algo repressivo ou como algo que está na mão de uma classe social, na visão do autor o poder é considerado algo produtivo.

A ideologia aparece muito mais relacionada com a noção de verdade, pois, para Foucault (2010), os regimes de verdade excluem outros saberes, fazendo com que uma vontade de verdade seja dominante em determinadas épocas. Além disso, essa noção de verdade vai identificar os discursos não como verdadeiros ou falsos, mas como verdadeiro em um nível político.

Para Orlandi (1999), não existe discurso sem sujeito, assim como não existe sujeito sem ideologia. É por meio do discurso que conseguimos identificar as ideologias das quais os sujeitos fazem parte, pois os sujeitos que fazem parte de um determinado 'grupo' acabam produzindo discursos semelhantes, como exemplo, podemos citar o discurso político de sujeitos que seguem as ideias de direita ou de esquerda, de sujeitos religiosos que seguem uma religião e não outra, estes são os chamados 'aparelhos ideológicos' (ALTHUSSER, 1980). As ideologias buscam atuar em determinadas conjunturas, seja para manter ou modificar, e ainda justificam e explicam estilos de vida. São nesses discursos que a ideologia se materializa, pois,

a "ideologia" é um conjunto de representações dominantes em uma determinada classe dentro da sociedade. Como existem várias classes, várias ideologias estão permanentemente em confronto na sociedade. A ideologia é, pois, a visão de mundo de determinada classe, a maneira como ela representa a ordem social (GREGOLIN, 1995, p.17).

Então, o discurso passa a ter sentido para o sujeito que identifica o que foi dito como algo que faz parte de certa formação discursiva. Quando essa assimilação não é estabelecida, pode acontecer de o texto perder o sentido, gerando a não identificação do leitor/receptor com o discurso.

2.5 Enunciado

Ao falar sobre as práticas discursivas, na *Arqueologia do Saber*, Foucault (2008) traz como peça importante os conceitos de acontecimento e enunciado, que atuam também como categorias de análise dos discursos. Ao trabalhar o conceito de enunciado, diferentemente dos outros conceitos já estudados, vamos começar elencando o que ele NÃO é.

Para Foucault (2008), o enunciado não é uma proposição, não é uma frase e também não é um ato de fala, mas é o que dá possibilidade dessas três unidades existirem. Utilizando os exemplos do autor, ele defende que alguns enunciados não são frases, e cita o caso de uma série de palavras, em uma gramática latina, que não podem ser consideradas uma frase, mas sim um enunciado das flexões pessoais de um verbo; o autor diz ainda que uma prece, por exemplo, assim como tantos outros atos de fala, se constitui de mais de um ato e também de vários enunciados.

Então, conclui-se que o caráter do enunciado não tem uma forma fixa, ele pode variar e suas definições são múltiplas, por isso

encontramos enunciados sem estrutura proposicional legítima; encontramos enunciados onde não se pode reconhecer nenhuma frase; encontramos mais enunciados do que os *speech acts* que podemos isolar, como se o enunciado fosse mais tênue, menos carregado de determinações, menos fortemente estruturado, mais onipresente, também, que todas essas figuras (FOUCAULT, 2008, p. 95).

O que devemos manter em mente é que o enunciado tem uma função de existência. É ele quem possibilita a existência dessas outras categorias/unidades citadas anteriormente. Além disso, os enunciados dependem uns dos outros, pois “não há enunciado que não suponha outros; não há nenhum que não tenha, em torno de si, um campo de coexistências, efeitos de série e de sucessão, uma distribuição de funções e de papéis” (FOUCAULT, 2008, p. 112). Isso significa dizer que os enunciados se apoiam e se completam uns nos outros, e a essa interação entre os enunciados, mesmo que não proposital, podemos chamar de interdiscurso, conceito que trataremos no tópico a seguir.

2.6 Interdiscurso

Como já foi mencionado, o conceito de interdiscurso é de suma importância para a Análise do Discurso e gera grandes reflexões, pois

o interdiscurso é todo conjunto de formulações feitas e já esquecidas que determinam o que dizemos. Para que minhas palavras tenham sentido é preciso que elas já façam sentido. E isto é efeito do interdiscurso: é preciso que o que foi dito por um sujeito específico, em um momento particular se apague na memória para que, passando para o “anonimato”, possa fazer sentido em “minhas” palavras (ORLANDI, 1999, p. 33-34).

Isso pelo motivo de que os discursos já estão circulando no mundo desde quando nascemos, então, nós não somos os primeiros, nem os últimos que iremos enunciar esses discursos, os quais já se encontram presentes na sociedade. Pode-se dizer que não existe um discurso primeiro, o que dizemos está estreitamente relacionado e ligado ao que já foi dito em um momento anterior.

Um conceito que tem contribuição significativa quando se fala em interdiscurso, é o conceito de esquecimento, porém, não iremos detalhá-lo aqui, mas precisamos mencioná-lo agora para a melhor compreensão do interdiscurso. Sua importância se dá pelo fato de que é o esquecimento quem distingue o interdiscurso do intertexto. O interdiscurso está muito mais relacionado com a memória discursiva, afetado pelo esquecimento e o intertexto voltado para a relação dos textos entre si (ORLANDI, 1999).

Tanto o sujeito que enuncia como seu receptor buscam no interdiscurso uma sustentação para aquilo que está sendo mencionado, é a partir do interdiscurso que o presente tem base, já que “(...) só uma parte do dizível é acessível ao sujeito, pois, mesmo o que ele não diz, (e que muitas vezes ele desconhece) significa em suas palavras” (ORLANDI, 1999, p. 34).

Para a autora, o interdiscurso pode ser chamado também de memória discursiva. O interdiscurso é a influência do já-dito, naquilo que se diz agora, isso significa dizer que o interdiscurso faz parte de todos os discursos. Conscientemente ou não, aparece no discurso atual, pois já está na memória do sujeito, da mesma forma que o não-dito também o compõe.

2.7 Acontecimento

Um dos conceitos que Foucault (2008) trabalha com profundidade na *Arqueologia do Saber* é o de acontecimento. O acontecimento não é o fato em si, mas sim quando um fato toma proporções gigantescas, passando a ter diversos efeitos de sentido. É também atravessado por interpretações, leva em conta as repetições e reatualizações e, a partir disso, acaba por se tornar um acontecimento, pois fica gravado na memória coletiva, podendo ser mencionado e lembrado por um povo.

Pêcheux (1998) diz que um acontecimento é o ponto de encontro entre uma atualidade e uma memória, então podemos dizer que o acontecimento é algo relevante e se expressa na atualidade por meio de enunciados que retomam algo passado. Na visão de Foucault, todo acontecimento é único, o que não significa que seja fechado em si, ao contrário,

está aberto à repetição, à transformação, à reativação; finalmente, porque está ligado não apenas a situações que o provocam, e a consequências por ele ocasionadas, mas, ao mesmo tempo, e segundo uma modalidade inteiramente diferente, a enunciados que o precedem e o seguem (FOUCAULT, 2008, p.32).

O acontecimento, por exemplo, pode ser assunto em livros de história, mas para que um fato seja considerado um acontecimento histórico, alguns critérios são necessários, por exemplo, a análise e seleção de um historiador. Por isso nem todo acontecimento é histórico, mas pode vir a se tornar, já outros acontecimentos que não se tornam históricos, acabam se perdendo, sendo esquecidos com o passar do tempo.

Vale ser ressaltado que, os acontecimentos que caem na rede do esquecimento dependem também da interpretação do historiador, já que é ele quem seleciona o que será considerado acontecimento histórico. Quando falamos sobre esse tipo de acontecimento, devemos estar atentos em compreendê-lo como um fato histórico, que depende de interpretações, e não simplesmente como um evento. Acontecimento histórico, acontecimento discursivo e acontecimento linguístico são conceitos que se entrelaçam na Análise do Discurso (FOUCAULT, 2008). Para o autor,

o campo dos acontecimentos discursivos [...] é o conjunto sempre finito e efetivamente limitado das únicas sequências linguísticas que

tenham sido formuladas: elas bem podem ser inumeráveis e podem, por sua massa, ultrapassar toda capacidade de registro, de memória, ou de leitura: elas constituem, entretanto, um conjunto finito (FOUCAULT, 2008, p. 30).

Um acontecimento histórico pode dar origem aos acontecimentos discursivos, e estes são, por vezes, uma consequência do acontecimento histórico. Os acontecimentos discursivos surgem quando certo enunciado passa a ser usado com sentidos diferentes daquele que ele teve inicialmente, podendo se dizer que houve um deslocamento ou uma resignificação do seu sentido, quebrando uma estabilidade que já existia. O que os acontecimentos possuem em comum é que em todos eles existe produção de sentido e transformação de sentidos já existentes. Podemos, então, concluir que todo dizer atual se entrelaça com um já-dito e,

por mais banal que seja, por menos importante que o imaginemos em suas consequências, por mais facilmente esquecido que possa ser após sua aparição, por menos entendido ou mal decifrado que o suponhamos, **um enunciado é sempre um acontecimento que nem a língua nem o sentido podem esgotar inteiramente** (FOUCAULT, 2008, p. 31, grifo nosso).

Para o autor citado, o acontecimento passa a existir quando alguém enuncia algo em determinado momento e lugar, pois, para que essa enunciação seja possível existem condições de produção que precisam ser seguidas. Dessa forma, percebemos o discurso como acontecimento e esse enunciado, depois que é proferido, não se apaga permanentemente, pois passa a fazer parte de uma memória coletiva.

2.8 Arquivo

Para a Análise do Discurso, o conceito de arquivo está relacionado à memória, não no sentido da memória dos sujeitos individualizados, mas à memória em seu sentido amplo. Para esse campo dos estudos, “o arquivo é, de início, a lei do que pode ser dito, o sistema que rege o aparecimento dos enunciados como acontecimentos singulares” (FOUCAULT, 2008, p. 147). Quando falamos sobre arquivo, o que compreendemos, no senso comum, é que está relacionado a um determinado conjunto de documentos, mas, para Foucault (2008), o arquivo não é uma soma de textos. Para este mesmo autor, o arquivo é o sistema geral da formação e da transformação dos enunciados. O teórico nos diz ainda que o arquivo não é descritível em sua totalidade.

Para entendermos melhor o conceito de arquivo, Foucault (2008, p.146) nos diz que

temos na densidade das práticas discursivas sistemas que instauram os enunciados como acontecimentos (tendo suas condições e seu domínio de aparecimento) e coisas (compreendendo sua possibilidade e seu campo de utilização). São todos esses sistemas de enunciados (acontecimentos de um lado, coisas de outro) que proponho chamar de *arquivo*.

Ao falar sobre arquivo, é comum que se tenha em mente a ideia de arquivos digitais, materiais arquivados, entre outras noções que são conhecidas popularmente, mas para o analista do discurso, ao falar sobre arquivo estamos nos referindo a algo mais ligado a algo documental, que tem uma certa ordem.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como sabemos, é de interesse da AD compreender em qual condição de produção um discurso foi gerado e quais sentidos ele pode ter a partir da sua construção, do momento histórico de produção e de como ele se relaciona com a sociedade daquela época.

Os conceitos estudados se mostram relevantes, pois é a partir deles que formamos uma base de compreensão da Análise do Discurso, percebemos ainda que estes são conceitos inseparáveis, que dependem uns dos outros. As divisões em nosso artigo se deram apenas para fim de organização, mas o fato é que não conseguimos analisar um discurso sem buscar compreender qual sujeito está por trás dele, de qual formação discursiva ele faz parte, qual ideologia segue e quais as condições de produção do seu discurso.

É preciso, então, que o discurso seja analisado linguística e historicamente, só assim conseguimos refletir e buscar um sentido mais amplo e completo, podendo ser uma forma de construção, mas também de desconstrução de textos.

REFERÊNCIAS

ALTHUSSER, L. **Ideologia e aparelhos ideológicos de Estado**. 3 ed. Lisboa: Editorial Presença/Martins Fontes, 1980.

COURTINE, Jean-Jaques. **Metamorfoses do discurso político**: as derivas da fala pública. Tradução de Carlos Piovezani e Nilton Milanez. São Carlos: Claraluz, 2006.

FOUCAULT, Michel. **A arqueologia do saber**. 7.ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008.

_____. **A ordem do discurso**. 20.ed. São Paulo: Edições Loyola, 2010.

_____. **Microfísica do Poder**. Rio de Janeiro: Graal, 1978.

GREGOLIN, Maria R. V. **A análise do discurso**: conceitos e aplicações. Alfa, São Paulo, v.39, p.13-21, 1995.

_____. **Análise do Discurso**: Lugar de Enfrentamentos Teóricos. In: FERNANDES, C. A.; SANTOS, J. B. C. (Orgs). **Teorias Lingüísticas**: problemáticas contemporâneas. Uberlândia, EDUFU, 2003.

MAINGUENEAU, Dominique. **Novas tendências em Análise do Discurso**. 3 ed. Campinas – SP: Pontes Editores, 1997.

ORLANDI, Eni P. **Análise de discurso** – princípios e procedimentos. Campinas - SP: Pontes, 1999.

PÊCHEUX, M. **Sobre a (des-)construção das teorias linguísticas**. Tradução de Faustino Machado da Silva. Cadernos de Tradução, Porto Alegre, 2. ed., n. 4, out. 1998.